



## **TRAÇOS POPULARES NO CONTEXTO LITERÁRIO DAS HISTÓRIAS INFANTIS**

João Antônio de Sousa Lira  
joao.lira.antonio@hotmail.com

**RESUMO:** O Presente artigo faz um resgate histórico de como as histórias infantis foram se introduzindo no cotidiano escolar brasileiro a partir do reconhecimento da infância como uma das idades da vida. Desta forma tivemos como objetivo discutir o reconhecimento da infância como uma das idades da vida e abordar dentro do contexto histórico como as histórias infantis foram se consolidando através da oralidade até as histórias infantis escritas. Assim a literatura infantil como conhecemos hoje, é permeada de traços populares, mitos e tradições, No entanto ainda privilegiam-se o uso de literatura pautada nos modelos tradicionais, em que o estudante, não se vê, não consegue se encontrar nas histórias, pois estão repletas de ideologias e premissas de uma heterogeneidade inexistente dentro do ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Traços populares. Infância. Histórias infantil.

### **Introdução**

Discutir literatura infantil nos traços populares requer cuidado e zelo, principalmente quanto o surgimento do termo infância que está diretamente entrelaçado com narrativas populares em forma de contos maravilhosos fábulas e lendas basicamente eram dirigidos a adultos e contados por adultos. Nesse sentido, de início não existia uma literatura voltada especificamente para a infância, uma vez que o sentimento de infância surge na sensibilidade ocidental entre os séculos XIII e XVIII(Ariès, 2006).

Torna-se fundamental a questão de uma nova história que possibilite o entendimento da construção da literatura direcionada para a infância, pois o enfoque histórico situa o homem/mulher como sujeito construtor do espaço geográfico, um homem social e cultural, situado para além e através da perspectiva econômica e política, que imprime seus valores no processo de construção de seu espaço, e um dos instrumentos de construção desse espaço é a literatura infantil. Assim sendo, a literatura infantil foi ganhando contornos

---



ideológicos que perpassam por uma ideologia dominante, principalmente quanto à construção da identidade nacional. Pois o Brasil como um país de dimensão continental, onde a diversidade cultural e regional é uma das características marcantes tem muitas vezes essa especificidade suprimida pelos saberes erudito.

### **Infância, Literatura Infantil e Contos Populares**

Falar de literatura infantil requer que voltemos à origem do sentimento de infância. Para situarmos melhor, o termo infância tem origem no latim “*Infante*” que significa ausência de fala. Nesse sentido, Ariès (2006) em História social da criança e da família, nos diz que no século XII (+/-): a arte medieval “desconhecia” a infância. Para o mesmo o sentimento de infância surge na sensibilidade ocidental entre os séculos XIII e XVIII. O Autor segue com sua tese de que no século XIII não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. Le Goff (2006) em suas análises sobre a idade média e indo de encontro com a tese de Ariès, vai buscar o sentimento de infância na religião com a promoção do menino Jesus, como por exemplo: o anjo, a criança morta, os trajes das crianças, dentre outras. Áries (2006) compara a criança medieval a um delicado e querido bichinho de estimação. A morte de crianças pequenas o lembra, era fato corriqueiro, seja por falta de higiene, por doenças ou pela fome.

Com a ausência do sentimento de infância, uma vez que a criança era vista como adulto em miniatura, não existia uma literatura específica para tal idade da vida. Como já assinalado as crianças participavam da mais tenra idade da vida adulta. Não existia, nem histórias, nem livros dirigidos especificamente a elas. No entanto, existia no imaginário coletivo medieval narrativas populares contos maravilhosos (de fadas ou de encantamento); fábulas; lendas etc. frisando que, basicamente, eram dirigidos a adultos e contados por adultos.

Para Coelho (2000) o espírito popular medieval coletivo por princípio estava ligado a festas e atos públicos que era, ao mesmo tempo, marcado pelo

---



fatalismo, pela crença no fantástico, em poderes sobre-humanos, em pactos com o diabo e em personificações de todo tipo. A crença em fadas, gigantes, anões, bruxas, castelos encantados, elixires, tesouros, fontes da juventude, quebrantos e países utópicos e mágicos era disseminada. Crianças e adultos sentavam-se lado a lado nas praças públicas, durante as festas, ou à noite, após o trabalho, para escutar os contadores de histórias. Pois, desde os tempos remotos somos contadores de histórias, antes da escrita nos comunicávamos por meio da oralidade. Contar história é uma prática social e está presente em todas as civilizações e culturas. Desse modo o universo dos contos populares pode, de alguma forma, ser vinculado a um certo “universo infantil” a literatura para crianças possivelmente teria outras raízes, desvinculadas da fundação da escola burguesa.

Peter Burke (1995) demonstra que os mesmos representam verdadeiro depósito do imaginário, das tradições e da visão de mundo oriundos de certo “espírito popular”, estando enraizados em antiqüíssimas narrativas míticas.

De acordo com Lajoro e Zilberman (2007,p.14) “As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII”. Ou seja, após do surgimento da infância como uma das idades da vida. Segundo as mesmas autoras

No século XVII foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697. (LAROJO, ZILBERMAN, 2007 p. 14)

Para Filho (2006) a literatura reflete a totalidade do horizonte ideológico de que ela própria é uma parte constituinte. Dessa forma, falar em literatura é de certo modo vincular os textos a uma determinada expressão da sociedade e das práticas sociais que foram se impondo na educação para as novas gerações.

---



A tendência geral na literatura apontava para a valorização da paz e da justiça social – daí a vida no campo aparecer como um grande ideal –, para a valorização nostálgica dos costumes simples do campo em confronto com as dificuldades e fracassos encontrados na vida da cidade. ( FILHO, 2006)

De acordo com Filho (2006) Olavo Bilac, assim como muitos outros intelectuais da época, no que se refere à política ou às maneiras de se viver em sociedade, para a totalidade deles, a criança é vista como um indivíduo pronto para receber a educação como dádiva, como caráter divino, amando sua pátria como berço e fonte inesgotável de benevolências.

Viriato Corrêa lança uma série de livros destinados ao público infantil desde 1908 (Era uma vez – livro de contos) e, dentre eles, um dos que mais seguem o estilo didático moralista de Coração é Cazuza. Lançado em 1938 e continuamente reeditado, gerado por idéias e ideais do Brasil dos anos 1930, Cazuza traduziu em literatura os impulsos que estavam na raiz do grande movimento histórico nacional, então em processo, movimento que pode ser sintetizado como sendo o deslocamento de populações do campo para a cidade a fim de impulsionar a modernização do país. (FILHO, 2006, p. 188)

Com o surgimento de Monteiro Lobato na literatura infantil, a criança passa a ter voz, ainda que uma voz emitida por uma boneca de pano, Emília, mas cuja irreverência infantil sem barreiras começa a ser lida e vista por meio de ilustrações das personagens do Sítio do Pica pau Amarelo. Nessa proposta inovadora, outras discussões culturais são inseridas nas figuras de personagens importantes na estrutura do sítio, tais como a Tia Nastácia, o Visconde, o Rabicó, entre outras.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A literatura infantil como conhecemos hoje, é permeada de traços populares, mitos e tradições. No entanto ainda privilegiam-se o uso de literatura pautada nos modelos tradicionais, em que o estudante, não se vê, não consegue se encontrar nas histórias, pois estão repletas de ideologias e premissas de uma heterogeneidade inexistente dentro do ambiente escolar. Muito já se tem discutido sobre a auto-estima dessas crianças frente ao

---



imposto nas escolas pelas literaturas infantis. Existem é claro autores infanto-juvenis que fogem a essa regra como Ana Maria Machado, dentre outros.

O que quero ressaltar desde o início é a questão de que a literatura escrita só se consolidou porque antes de existir a escrita convencional, existiam mitos que foram transformados em gênero literário, mais que nem sempre ressaltando a importância de uma literatura que vise, e reconheça o lugar da criança na sociedade, na família e na escola. Sou do tempo do Trancoso, do tempo em que parava para ouvir histórias de encantamentos contadas pela minha bisavó. E isso me fez refletir sobre a da formação do professor para lidarmos com esses materiais didáticos prontos e acabados, sendo que nosso papel é questionar, e utilizar de outros meios para que a auto-estima da criança pobre, negra, gay não seja transformada em pó por educadores sem o compromisso social de refletir sobre suas ações pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. 2ª ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil brasileira: da colonização à busca da identidade**. *VIA ATLÂNTICA Nº 9 JUN/2006*.

LAROJO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Editora Atica, 2007

LE GOFF, Jacques. **Uma história do corpo na idade média**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006.

---